



3563 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)
GT 24 - Educação e Arte

ARTE-PERFORMANCE: CONEXÕES ANÁRQUICAS NA EDUCAÇÃO.
José Valdeinei Albuquerque Miranda - UFPA - Universidade Federal do Pará

O presente trabalho visa perspectivar a performance enquanto uma arte experimental anárquica, enquanto potência criativa e produtora de disparos libertários na educação. Na confluência entre Performance e Educação (PEREIRA, 2013), o texto busca construir um campo de problematização a partir de algumas questões: O que pode um corpo em performance na educação? Que disparos libertários e criativos a arte da performance pode produzir na educação? Que conexões criativas podem ser construídas entre a prática do professor e a atuação do performer na educação? Como trabalhar a performance na escola básica sem instrumentalizar sua arte? No aspecto teórico-conceitual enfatiza o conceito de performance (COHEN, 2002) e seus desdobramentos para o campo da educação e das práticas pedagógicas. A abordagem metodológica segue as pistas do método cartográfico que tem como ênfase o acompanhamento dos processos a partir da composição de um plano conceitual (DELEUZE e GUATTARI, 1996); (KASTRUP, 2015). Os resultados da pesquisa permitem pensar conceito de performance, e seu potencial enquanto arte experimental anárquica que mobiliza agenciamentos, instiga provocações, provoca desterritorializações, anuncia heterotopias inventivas na educação e inovações nas práticas pedagógicas da escola básica.

ARTE-PERFORMANCE:

CONEXÕES ANÁRQUICAS NA EDUCAÇÃO

RESUMO

O presente trabalho visa perspectivar a performance enquanto uma arte experimental anárquica, enquanto potência criativa e produtora de disparos libertários na educação. Na confluência entre Performance e Educação (PEREIRA, 2013), o texto busca construir um campo de problematização a partir de algumas questões: O que pode um corpo em performance na educação? Que disparos libertários e criativos a arte da performance pode produzir na educação? Que conexões criativas podem ser construídas entre a prática do professor e a atuação do performer na educação? Como trabalhar a performance na escola básica sem instrumentalizar sua arte? No aspecto teórico-conceitual enfatiza o conceito de performance (COHEN, 2002) e seus desdobramentos para o campo da educação e das práticas pedagógicas. A abordagem metodológica segue as pistas do método cartográfico que tem como ênfase o acompanhamento dos processos a partir da composição de um plano conceitual (DELEUZE e GUATTARI, 1996); (KASTRUP, 2015). Os resultados da pesquisa permitem pensar conceito de performance, e seu potencial enquanto arte experimental anárquica que mobiliza agenciamentos, instiga provocações, provoca desterritorializações, anuncia heterotopias inventivas na educação e inovações nas práticas pedagógicas da escola básica.

PALAVRAS-CHAVE: Performance. Arte-anárquica. Educação.

1- INTRODUÇÃO

Na perspectiva de desdobrar novos horizontes na confluência entre educação e performance, especialmente no campo da didática e prática pedagógica, propõem-se, com este trabalho levantar alguns questionamentos no limiar desses dois campos de conhecimentos: Como pensar a relação entre ensinar e aprender na perspectiva da performance? O que pode um corpo em performance na educação? Que disparos libertários e criativos a arte da performance pode produzir na educação? Que conexões criativas podem ser construídas entre a prática do professor e a atuação do performer na educação? Como trabalhar a performance na escola básica sem instrumentalizar ou pedagogizar sua arte? Questões instigantes e envolventes quando se busca pensar o movimento da performance na educação e a educação na perspectiva da performance. Em meio a essas indagações, o presente trabalho se propõe a pensar a performance enquanto uma arte experimental anárquica, enquanto potência criativa e produtora de disparos libertários na educação.

Em seu aspecto metodológico, o trabalho segue as pistas do método cartográfico que tem como ênfase o acompanhamento dos processos pelo qual as ações acontecem e não os resultados propriamente previstos (KASTRUP, 2015). Nessa abordagem metodológica a performance é vista como criação artística lançada ao inusitado, ao acontecer da experimentação em arte, sem maior preocupação com os seus resultados instrumentais. Vemos então que este método/experimentação é o mais viável quando associado ao próprio conceito de performance, enquanto arte experimental anárquica que mobiliza agenciamentos, instiga provocações e provoca desterritorializações nas práticas pedagógicas da educação básica.

2- PERFORMANCE: UMA ARTE EXPERIMENTAL ANÁRQUICA

"Em cada microfísica, *microespaço*, *micropolítica* das instituições que compõem toda e qualquer máquina coercitiva, repressora, burocrática, viciada e redutora, a possibilidade de um combate com aquele *princípio de autoridade* se abre, afirma-se novos componentes para se pensar a pesquisa, o pensamento e sua função social de um outro modo..." (PINHEIRO, 2016, p. 100)

Percorrer o campo da Performance no cenário teatral brasileiro, na tentativa de desdobrar pontos de conexões com a educação e a prática pedagógica, nos remete ao encontro com a experiência desenvolvida por Renato Cohen. Ator-performer, diretor de teatro, professor, pesquisador que realizou a partir década de 80 estudos diversos a respeito da performance, motivado principalmente pelo fato de ter sido um ator de Teatro que buscava novas formas de interpretação e expressão cênica, haja vista que as formas que até então vinham sendo desenvolvidas, já não atendiam mais às suas inquietantes expectativas, buscava uma arte nova, experimental e que permitisse romper com o instituído, o saturado e sem vida. Desejava experimentar uma arte que potencializasse um corpo em criação, uma prática artística que produzisse sensações diversas, inusitadas, ousadas, anárquicas, experimentar uma arte híbridas e fronteiriça em que os efeitos de seus resultados provocassem um “não sei o quê”, em um “não sei como” e em um “não sei onde”. Uma criação anárquica, uma arte livre de qualquer modelo previamente estabelecido.

Em sua obra “Performance como Linguagem”, Renato Cohen (2002) considera a performance como uma arte de resistência, que rompe com formas e modelos pré-existentes, pois usa o corpo como uma extensão dessa expressão estética, na performance o corpo é o próprio suporte artístico (*body art* [1]), que comove, assusta, choca, experimenta as mais inusitadas sensações. Cabe ressaltar que a década de 60 é marcada por profundas transformações que transitam entre os mecanismos de regulação, controle e imposição da ordem social por meio do Estado e as manifestações políticas de transgressão, resistência e rebeldia inseridas no contexto da contracultura e de luta pela liberdade e expressão do corpo e pensamento. Nos fins dos anos 60 as artes plásticas, como um todo, também passavam por mudanças e, portanto, recebiam inúmeras influências, buscavam novas formas de expressão corporal e visual; momento de efervescência da arte, de resistência política aos excessos de poder do estado e de manifestações da contracultura em que o mundo todo passava por essa transformação que visava um novo fazer artístico ousado e desafiador. A performance como *arte anárquica* dispara por meio de uma arte viva novas imagens de pensamento e insinua práticas de intervenções micropolíticas que ganham força em um contexto de efervescência artística, política e cultural.

A performance como expressão de uma arte anárquica de fronteira de conhecimentos realiza um movimento de ruptura com a arte instituída e estabelecida, sua movimentação percorre caminhos inusitados e transgressores, tocando nas tênues dimensões ainda desconhecidas, onde corpo e pensamento, arte e vida se entrecruzam produzindo um horizonte indeterminado de experimentações. “É justamente nesse problema, o das fronteiras, dos limites, dos territórios e, sobretudo, no borrimento de tais demarcações, que a Performance tomou forma, desenvolveu-se e estilizou uma série considerável de noções em campos variados de conhecimento” (ICLE, 2013, p. 10). Enquanto experimentação é uma arte anárquica que destituiu a estrutura, que se organiza e desorganiza infinitamente a seu próprio modo, sem um modelo determinado e estipulado. Aproxima-se do que anuncia Chico Science (1994), em seu álbum-pensamento “Da Lama Ao Caos”:

Posso sair daqui pra me organizar.

Posso sair daqui pra me desorganizar.

Posso sair daqui pra me organizar.

Posso sair daqui pra me desorganizar (...)

Que eu me organizando posso desorganizar.

Que eu desorganizando posso me organizar

Que eu me desorganizando posso me organizar.

(SCIENCE, 1994)

A performance na sua ordem-desordem acontece como uma arte livre e se coloca como àquela que se expõem na trincheira da resistência aos conceitos e modelos de estética, de belo, condena e contesta a arte morta inserida em museus e galerias, como mera exposição e contemplação, a performance vai mais além dos enquadramentos, insinua provocações de uma arte viva onde o artista por meio de sua criação e atuação performática produz sua própria obra de intervenção.

Para Cohen (2002, p. 45) na performance “existe uma identificação com o anarquismo que resgata a liberdade na criação, esta a força motriz da arte”. Isso indica que a performance é uma linguagem de experimentação anárquica, sem compromissos previamente estabelecidos, sem garantias de cumprir normas estéticas de atuação, nem visa atender expectativas construídas de público e nem assume grandes compromissos com uma ideologia engajada, trata-se de uma arte anárquica de fronteira grandemente desprendida de normas, por isso ela se identifica com o anarquismo, no sentido de instigar a liberdade de criação, liberdade esta necessária para o fazer artístico que transgride todo e qualquer resultado esperado, primando-se pelo princípio do prazer e não da realidade, visando libertar o homem de suas amarras condicionantes e, é nesse fazer artístico que ele vê essa possibilidade, pautado no prazer da “arte pela arte”. Uma arte experimental viva, repleta de inusitadas contestações e provocações.

2.1- CORPO EM PERFORMANCE

A performance, enquanto arte experimental anárquica, sobressalta o corpo e a figura do artista como instrumentos mobilizadores da arte em seu acontecimento. O corpo do artista em performance metamorfoseia-se com a própria arte, o corpo do performer tornado arte. Nas palavras de Cohen (2002, p. 30) “ao invés de pintar, de esculpir algo, ele mesmo se coloca enquanto escultura viva. O artista transforma-se em atuante, agindo como um performer (artista cênico)”. Entretanto o entendimento que envolve o conceito de atuante na performance, não se restringe somente ao ser humano (ator), podendo também ser alargado a outros elementos que compõem uma performance, o atuante pode ser um animal, um boneco, um objeto. Nesse lugar de atuação de fronteira a performance começa a transitar como linguagem que possui características próprias, por meio de signos e símbolos que servem como enigmas que deixam o participante-expectador livre para fazer suas inferências daquilo que lhe foi proposto enquanto provocação. Parafraseando Cohen (2002, p 27), a performance é uma “arte de fronteiras”, que rompe na sua expressão anárquica padrões instituídos e convencionais, desestabiliza formas e estéticas, num movimento de quebra, ruptura, conexão e aglutinação.

Essa aproximação conceitual da performance como arte experimental anárquica de fronteira, possibilita pensar o corpo em performance em seus processos de criação, montagem e desmontagem, em suas movimentações e devires, em seu fazer artístico e trabalho de inventivas metamorfoses. Envolvido no jogo provocativo e indeterminado da performance o artista performer experimenta um devir outro da arte, um corpo em metamorfose, um corpo em mutação, em que os outros espaços são possíveis de serem inventados, um corpo em performance insinuando e mobilizando subjetividades libertárias que transitam de forma livre e anárquica rompendo com imagens fixas que atuam no processo de disciplinamento do corpo e questionando conceitos já empoeirados e instituídos como verdades fixas e perenes. Como nos falam Deleuze e Guattari (1996, p.03) “o que se trata de modificar sob a ação dessa metamorfose é a própria ideia de conceito que nada tem em comum com a lógica de sua compreensão, tampouco com a de sua extensão”.

2.2- PERFORMANCE: ATUAÇÃO E ACONTECIMENTO

Do ponto de vista da performance enquanto uma arte-intervenção, Cohen (2002) destaca que a performance é antes de tudo um acontecer de uma expressão cênica a partir de alguns elementos:

[...] podemos entender a *performance* como uma função do espaço e do tempo $P = f(s, t)$; para caracterizar uma *performance*, algo precisa estar acontecendo naquele instante, naquele local. Nesse sentido, a exibição pura e simples de um vídeo, por exemplo, que foi pré-gravado, não caracteriza uma *performance*, a menos que este vídeo esteja *contextualizado* dentro de uma sequência maior, funcionando como uma *instalação*, ou seja, sendo exibido concomitantemente com alguma atuação ao vivo (COHEN, 2002, p.28).

Além da sua dimensão de atuação e acontecimento, a performance apresenta uma característica anárquica pelo fato de escapar dos limites disciplinares da organização do conhecimento, por meio de múltiplas manifestações criativas, inusitadas e provocações que incorporam nas apresentações cênicas as mais variadas formas artísticas, tais como a dança, a pintura, a poesia, a escultura, conjugados ao corpo em movimento, imagens, silêncio, sons que produzem variadas composições disparando inusitadas provocações naqueles que vivenciam e experimentam uma performance. A esse Cohen (2003) considera que pelo fato da performance ter suas ramificações e conexões na expressão cênica, recebe a influência de vários estudiosos do Teatro, como Antonin Artaud, com o seu *Teatro da Crueldade*, Decroux, Guto Lacaz. Como também a ela se integram características da Contracultura, do *Happening* (2), e outras perspectivas libertárias e expressões artísticas. Isso faz da performance uma arte de fronteira, híbrida e com provocações transgressoras.

Na perspectiva de Cohen (2003) os estudos da performance não possuem e não procuram um corpus teórico único. Performance é na verdade um intercampo, um cruzamento das artes, ela é múltipla e híbrida. O entendimento de performance articulado ao conceito de desterritorialização permitirá pensar a arte no contexto escolar para além de sua instrumentalização. A esse respeito Deleuze e Guattari (1996) destacam aspectos de um processo de desterritorialização que podem ser aproximados ao conceito de performance:

Instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.22).

A aposta é que, por meio de intervenções e experimentações performáticas na escola, algo aconteça de novo na educação. Experimentar movimentações artísticas que produzam processos de desterritorialização dos espaços escolares e a produção de corpos livres e subjetividades libertárias, pois compreendemos que a performance enquanto arte experimental, instiga e mobiliza disparos de invenção de corpos e subjetividades livres desencadeando agenciamentos coletivos. No acontecer de uma performance produz-se disparos de mudanças, contestações, provocações que insinuam transformações, anúncios de experimentações libertárias que talvez produzam micro revoluções na educação.

3- PERFORMANCE: CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO

"A performance se caracteriza por ser uma expressão anárquica que visa escapar de limites disciplinares"

(Renato Cohen, 2002, p.31)

Em seu texto sobre "Performance docente" Pereira (2013, p. 23), afirma: "A pergunta pela performance está em voga, sobretudo no campo da educação". Uma pergunta que abre inúmeras perspectivas para se pensar as conexões entre Performance e Educação, além do que na tentativa de construir resposta a essa colocação são múltiplos os caminhos que podem ser abertos e percorridos. Propomos aqui pensar a performance como arte do inusitado, do desconhecido que surge como possibilidade de criação de "heterotopias inventivas" no espaço escolar. "A heterotopia de invenção é um espaço anarquista de fronteira disforme, em que pessoas e associações elaboram subjetividades libertárias" (PASSETTI e AUGUSTO, 2008, p.82). Entretanto, como pensar esses aspectos na educação, uma vez que a escola em sua estrutura molar abriga e convive com um currículo já estabelecido, estruturado a partir de normas, técnicas e conhecimentos pautados no princípio da obtenção de resultados e, uma perspectiva anárquica, experimental e inovadora vai de encontro a essa perspectiva? Em outras palavras, a performance em sua conexão com a educação não deixa de ser uma provocação, uma vez que abre a possibilidade de experimentar uma prática educativa que sacode as estruturas da escola, produz estranhamento, instiga à liberdade, choca, incomoda os currículos disciplinares e modelos pedagógicos já instituídos. Nas palavras de Icle (2003, 18), "a performance oferece a possibilidade de pensar para além da demarcação de saberes e conhecimentos específicos, retalhados, circunscritos em campos de saber – e consequentemente de poder –, com a qual os currículos têm sido pensados e praticados".

Um convite-provocação para se pensar a performance não numa perspectiva do enquadramento, adequação ou simplesmente do seu encaixe pedagógico à escola, seu potencial artístico e pedagógico está muito além disso, possibilita uma "desterritorialização pedagógica" (PEREIRA, 2013), pois promove afetações e sensações múltiplas que leva a uma série de "experimentações disruptoras", ousadas, desafiadoras, inventivas na educação. A performance na educação cria sua própria linguagem, espacialidade e temporalidade, colocando em funcionamento lógicas de pensamento e movimentações corporais diferenciadas, produz verdadeiras "heterotopias inventivas" no espaço educacional uma vez que transita em meio a um fluxo de montagem, desmontagem e remontagem, sempre de modo inusitado, fronteiro e anárquico.

A performance como arte anárquica de fronteira mobiliza experimentações híbridas e provocações criativa na educação. Em sua intensidade experimental dispara processos de criação por aglutinação, conexão, cruzamento e atravessamento artístico, que instiga novos modos de ensinar-aprender, observar-intervir e, com isso, potencializa um novo espaço-tempo de liberdade, experimentação, montagem e desmontagem na educação. Envolver a educação básica na arte da performance implica em adentrar um espaço de fronteira indeterminado da arte e da prática pedagógica, conviver com uma multiplicidade de linguagens e potencializar as singularidades naquilo que possuem de impulso de criação e expressão da singularidade e diferença. A performance na educação produz instigantes e inventivas "desterritorializações pedagógicas" (PEREIRA, 2013), ao possibilitar encontros de aprendizagens e cruzamentos entre corpo e conhecimento, atuação e pensamento na perspectiva de experimentar "heterotopias inventivas" (PASSETTI, 2009), como possibilidade de inventar outros espaços na escola básica, pensado como um tablado móvel de experimentação envolvido e desdobrado em práticas artísticas e atividades pedagógicas criativas voltadas ao pensar-experimentar a arte-performance no cotidiano de professores e alunos, suas vivências, seus desejos, sua imaginação. Instigantes experimentações artísticas e pedagógicas como abertura de novas possibilidades de pensar a conexão arte-performance e educação.

Talvez a relação mais basilar seja aquela que estudaria a sala de aula como um espetáculo no qual o professor seria o performer, e os alunos, a

plateia. Entretanto, longe de reduzir a relação ensino-aprendizagem a um clichê formado pela aplicação da metáfora teatral e espetacular, os Estudos da Performance oferecem uma rica gama de possibilidades, na qual a Performance e a performatividade aparecem como instrumentos pelos quais é possível pensar as relações sociais, as políticas públicas, as identidades de gênero e de raça, a estética, a infância, o currículo, os rituais, a vida cotidiana, entre outros. (ICLE, 2013, p.16).

Além disso, a prática da arte do teatro na escola mobiliza novas dimensões na função de educar, por meio de performances, professores e alunos criam e recriam mundos virtuais extremamente lúdicos e fascinantes. A performance como elemento artístico aciona processos produtores e transformadores de subjetividades libertárias, uma vez que desestabiliza lugares fixos e instituídos, questiona preconceitos que muitas vezes limitam o pensamento e a atuação de professores e alunos reduzindo todo seu potencial criativo, transformador e libertário. A performance enquanto arte-intervenção, abre um campo de experimentação com inúmeras possibilidades artísticas pautadas no planejamento-improviso, na criação, espontaneidade, fruição, nos fluxos de sensações e afetações diversas. A performance na educação produz um canal intensivo de fluxos com novas conexões entre corpo-pensamento que viabiliza inusitadas experimentações e instigantes modos de viver os processos educacionais e suas novas experimentações e aprendizagens.

Essa perspectiva de pensar a performance em sua interface com a educação aproxima-se das ideias de Renato Cohen (2002), ao situa a performance no horizonte das manifestações expressivas anárquicas, híbridas, que envolve modos inventivos ousados, desafiadores e disparadores de novos mundos por meio de experimentações. A performance na educação mobiliza novas práticas pedagógicas e processos de ensino-aprendizagem coletivos e criativos a partir de alguns aspectos relacionados à performance, como proposta interventiva de uma arte que se dispõe de linguagem corporal, híbrida e libertária. Uma arte que sugere pensar o inusitado e ideias que transitam, simultaneamente, nos territórios da literatura, da poesia, das artes visuais, do teatro, da dança e da música para lançar na cena artística e educacional uma nova expressão artística que interliga corpo-pensamento, revitaliza o processo ensino-aprendizagem e produz instigantes “desterritorializações pedagógicas” na escola básica.

As experimentações artísticas e pedagógicas performáticas na educação se apresentam como uma arte que mobiliza novas modalidades de aprendizagens e expressão corporal para além das práticas disciplinares instituídas no currículo formal da escola. Envolve os atuantes e participantes em um universo de invenção e intervenção na realidade educacional cotidiana exigindo com isso uma entrega, viva e cheia de movimento tanto para quem a produz, como para quem a assiste. Nesse vaivém da criação performática, a escola torna-se um espaço propício para o desenvolvimento de tal experimentação, onde pessoas e espaços se entrecruzam, por meio de uma arte anárquica criativa e provocadora.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apostar em práticas pedagógicas por experimentações artísticas, permite pensar o novo na educação e desestabilizar espaços empobrecidos de experiências. Por iniciativa de movimentações livres e criativas na educação abre-se a possibilidade de sacudir as estruturas escolares, libertar-se das amarras institucionais e disciplinadoras do corpo e experimentar o novo na educação. A performance propõe por meio de uma arte-intervenção libertar o corpo, sacudir as práticas pedagógicas rotineiras, inventar novas percepções estéticas na educação, produzir instigantes provocações no espaço escolar. Um princípio anárquico que propõe uma nova educação, que instiga processos de produção de “heterotopias inventivas” e “desterritorializações pedagógicas”, que permita a professores e alunos educar a partir da liberdade e da criação artística por experimentação.

A performance em sua conexão com a educação abre uma nova imagem do pensamento para se pensar a prática pedagógica na educação básica, desdobra um teatro aberto ao acontecimento que rompe com o que já está estabelecido, uma prática que acontece em um teatro sem palco e sem parede, uma arte que vai se tecendo em meio a um planejamento desdobrado em montagem e desmontagem, estudo, trabalho e criação, preparação e improviso, por ser uma forma de expressão que se permite experimentar o desconhecido, o indeterminado em seu acontecer. Na educação possibilita experimentar uma arte viva, que se propõe a estar em desajuste com o próprio conceito de estética artística, sentir uma estética que pulsa, naquilo que é capaz de transfigurar o próprio corpo-pensamento, instigar novos modos de existir, transformar os elementos da vida em uma arte, que rompe com a ideia do juízo, liberta-se do juízo de dívida e cobrança, perdão e culpa que se faz sempre presente na consciência moral de todo rebanho. A performance busca o incompreensível, expressa uma questão, insinua uma provocação, rompe com o modelo instituído. Por vezes choca olhares e ouvidos, contesta valores e normas, por ser vista como algo absurdo e indeterminado que abala e destitui a estrutura, que se organiza e desorganiza, monta e desmonta infinitamente a seu próprio modo, sem um modelo previamente estipulado. Talvez, a arte viva e indeterminada de experimentar-se anarquicamente, insinue o potencial artístico, pedagógico e libertário do acontecer da performance na educação.

REFERÊNCIAS

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo, Perspectiva, 2002.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Vol. 03. Tradução de Aurélio Guerra Neto et Alii. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1996. Col. TRANS.

Foucault, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução Selma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 edições, 2013),

KASTRUP, Virginia, PASSOS, Eduardo e ESCÓSSIA, Lilianna da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ICLE, Gilberto. Da performance na educação: perspectivas para a pesquisa e a prática. In. PEREIRA, Marcelo de Andrade. **Performance e Educação**. [des]territorializações pedagógicas. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

PASSETTI, Edson e AUGUSTO Acácio. **Anarquismo e Educação**. Belo horizonte: Editora Autêntica, 2008.

_____. **Vivendo e revirando-se: heterotopias libertárias na sociedade de controle**. Revista Verve, n 4, 2003.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. **Performance e Educação**. [des]territorializações pedagógicas. Santa Maria: Editora UFSM, 2013

PINHEIRO, Luizan. **Anarcometodologia: o que pode uma pesquisa em artes**. Belém: Editora UFPA, 2016.

[1] A Body art (do inglês, arte do corpo) é uma manifestação das artes visuais onde até o corpo do próprio artista pode ser utilizado como suporte ou meio de expressão. Surgiu no final da década de 1960 como uma das mais populares e controversas formas de arte a se disseminar

[2] O happening (traduzido do inglês, "acontecimento") é uma forma de expressão das artes visuais que, de certa maneira, apresenta características das artes cênicas.